

Poucas pessoas se
aventuram pelo
Vale da Morte no
verão, quando a
temperatura
média é 46°C.

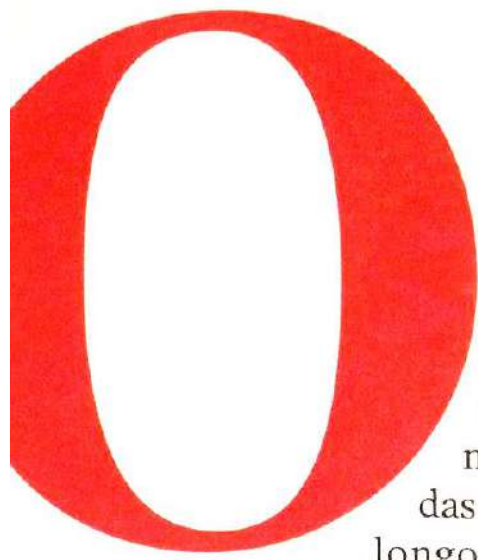


COM CALOR. COM SEDE. PERDIDAS

**TRÊS MULHERES DECIDIRAM
EXPLORAR O VALE DA MORTE DE
CARRO. TRÊS DIAS E QUASE 500
QUILÔMETROS DEPOIS, ELAS
SE VIRAM SEM GASOLINA – E
SEM RUMO.**

POR KENNETH MILLER

FOTOGRAFADO POR TOM SPITZ



Vale da Morte, com 7.770 km² de dunas e montanhas áridas espalhadas ao longo da fronteira sudeste da Califórnia, é o local mais quente e mais seco da América do Norte. De junho a setembro, as temperaturas elevam-se a mais de 40 graus. A média anual de chuva é de 6,3 centímetros. Na maioria dos meses, não chove. Embora um milhão de turistas aproximadamente o visitem a cada ano, poucos se aventuram no vale durante o verão, quando o sol produz seu efeito mais brutal.

Como a maioria de seus vizinhos em Pahrump – uma cidade poeirenta de 36 mil habitantes, no estado americano de Nevada, a cerca de cem quilômetros da entrada do Parque Nacional do Vale da Morte –, Donna Cooper atravessou o vale de carro muitas vezes. Mas uma quinta-feira pela manhã, em julho de 2010, a aposentada de 62 anos decidiu explorar uma parte do parque que nunca tinha visitado: o Castelo de Scotty, uma mansão em estilo espanhol construída nos anos 1920. Sua filha Gina, 17 anos, e a amiga e hóspede de Donna, Jenny Leung, 19, de Hong Kong, juntaram-se a ela.

O trio chegou à mansão cerca de uma hora da tarde e passou duas horas passeando pelo local. Ao saírem do estacionamento e tomarem o ca-

minho para casa, viram uma placa indicando Racetrack – o leito seco de um lago onde o deslocamento de pedras deixara rastros na lama rachada. “Sempre quis ver isso”, disse Donna.

As outras duas concordaram. Gina, que estava dirigindo, levou o Hyundai na direção oeste para a Rota 267, depois virou para o sul em uma estrada de terra. A temperatura fora do carro pequeno era de 52°C. Depois de aproximadamente uma hora, chegaram a um cruzamento, mas a placa indicando o caminho para Racetrack não estava nítida. Gina virou à esquerda. Depois de outros 16 quilômetros, percebeu que tinha pego o caminho errado. Tentou inverter o curso, mas logo estavam seguindo para a região alta.

Donna consultou o guia de estradas, mas o mapa do Vale da Morte mostrava apenas as estradas principais do parque. “Vamos perguntar a Nell como voltar para o Castelo de Scotty”, disse, referindo-se ao aparelho de GPS ao qual dera o nome da mãe.

Donna assumiu a direção e seguiu as instruções da máquina. “Dirija 168 metros, então vire à direita em uma estrada sem nome”, comandou Nell com a voz repleta de convicção digital. “Vire à esquerda, então dirija um quilômetro e meio. Vire à direita. Vire à esquerda. Recalculando. Dirija oito quilômetros, em seguida, faça uma curva em U.”



As mulheres passaram as primeiras 24 horas no deserto com menos de dois litros de água.

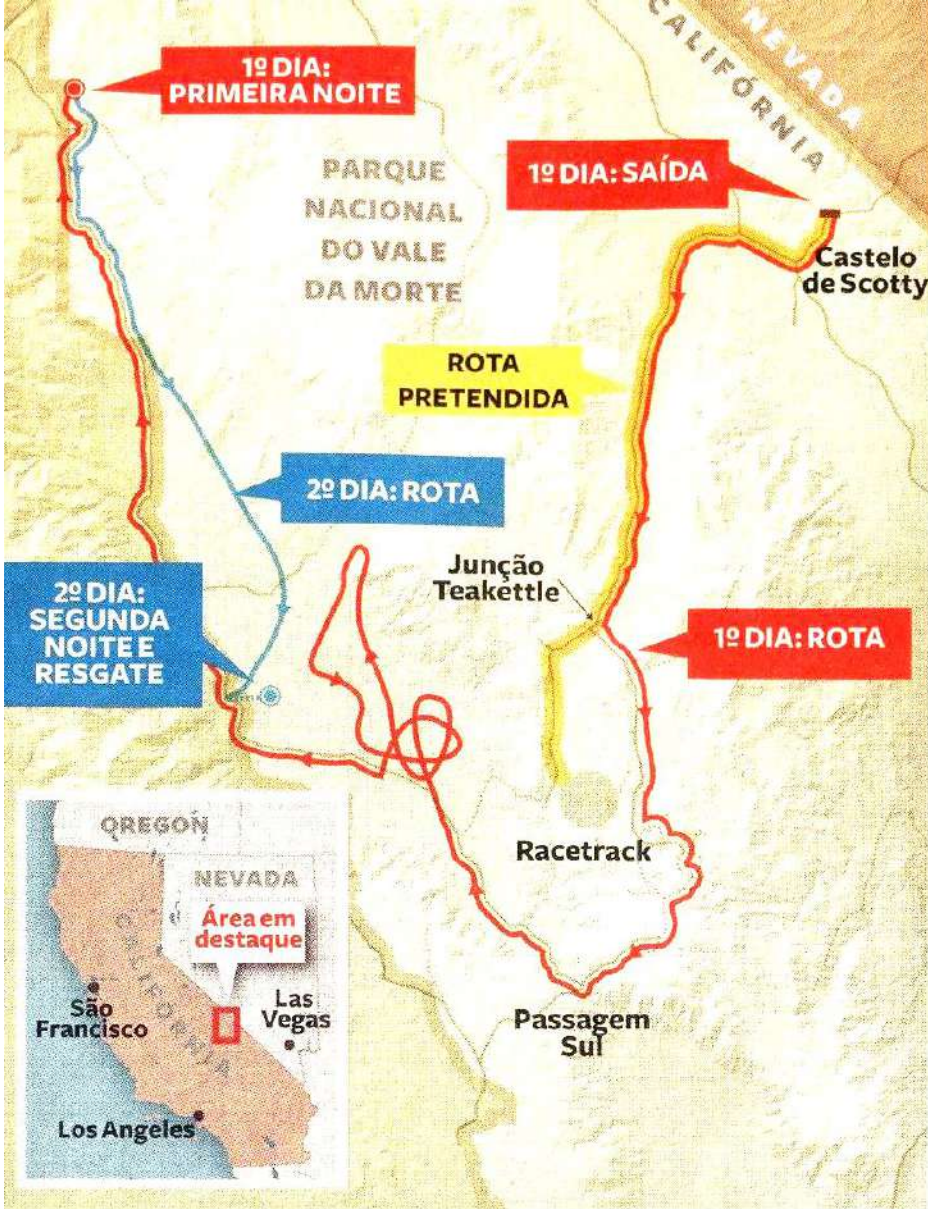
Viajantes se perdem no Vale da Morte – muitas vezes de forma fatal – desde 1849, quando os pioneiros começaram a usá-lo como atalho para campos de ouro da Califórnia. Recentemente, um número crescente de viajantes tem sido desviado por aparelhos de GPS cujos bancos de dados para áreas remotas, como o Vale da Morte, podem incluir mapas que não são atualizados há décadas. Depois de seguirem por curvas e zigue-zagues em estradas sem identificação, que foram ficando cada vez mais estreitas e rochosas, a cabeça

de Gina latejava, e ela começou a se sentir nauseada.

– Quero ir para casa... – ela gemeu.

– Deixe de ser imatura, Gina! – ralhou Donna.

No banco da frente, Jenny se esforçava para não chorar. Desde sua chegada aos Estados Unidos, em maio, tinha gostado de viajar com Donna para a Flórida, o Grand Canyon, São Francisco e Los Angeles. Mas o passeio do momento representava mais aventura do que ela queria. Embora o carro tivesse ar-condicionado, seus lábios estavam ficando dolorosamente ressecados. Três das quatro garrafas de



O LONGO CAMINHO ERRANTE
 O engano cometido na Junção Teakettle marcou o início da odisséia de mais de 320 quilômetros e 52 horas no Parque Nacional do Vale da Morte. Elas seguiram rumo ao sul, depois a noroeste, andando pela margem do parque antes de serem resgatadas.

rio: além da garrafa de água aberta, dispunham de duas maçãs, a sobra de um saco de batatas fritas e alguns biscoitos. No porta-malas havia cobertores, blusas, sapatos extras, um kit de ferramentas e um de primeiros socorros. Ainda restava mais de um quarto de tanque de gasolina.

Donna respirou fundo, e então exalou o medo que crescia dentro dela. Sobre-

470 ml de água que tinham trazido já estavam vazias, e Jenny não teve coragem de tocar na última. Quando Donna lhe entregou a garrafa, ela fingiu tomar um gole.

– Pare com isso – repreendeu Donna. – Você tem de beber sua parte.

Jenny tomou um gole, que manteve refrescando a boca por um longo tempo antes de engolir.

Enquanto prosseguiram, as sombras começaram a se alongar, mas o calor pouco diminuiu. Lá fora, areia, mato e cascalho se estendiam por quilômetros em volta. De tempos em tempos, as três tentavam telefonar para os serviços de emergência. Não havia sinal para o celular. Donna fez um inventá-

vivera a dificuldades piores do que essa – incluindo, quando tinha uns 20 anos, o acidente sério que a deixara hospitalizada por semanas, e uma doença quase fatal nos intestinos de que fora vítima no Haiti, no início daquele ano. Ela e o marido haviam criado oito filhos. Agora, Donna sabia que duas jovens dependiam dela para saírem vivas do deserto.

Por volta das oito da noite, a voz robótica de Nell as tinha conduzido para um beco sem saída margeado por rochas. Gina avistou uma trilha suave que levava ao mato, e elas a seguiram, descendo para uma estrada de terra mais lisa. Ao fazerem a curva, passando por um lago salgado e seco

em sua maior parte, brilhando ao sol, perceberam um sinal de civilização – uma caixa de correio. Dentro, Donna encontrou uma nota manuscrita, amassada, que dizia: “Desculpe, perdemos você.” Mais adiante havia uma cerca de arame, um portão trancado com cadeado e uma fileira isolada de árvores.

– Vamos ver se tem alguém lá – disse Gina.

– Não podemos perder tempo – respondeu Donna. – Estamos em uma estrada boa agora. Vamos encontrar o caminho para sair.

Seguindo as instruções de Nell, Donna mantinha-se na estrada enquanto subia para a aridez das montanhas. Ao ganharem altitude, Gina olhou para trás, para o lugar de onde tinham vindo, e pensou ter visto algum tipo de habitação por trás das árvores. Mas a noite estava começando a cair, e elas tinham ido muito longe para dar meia-volta.

Em sua casa em Pahrump, Charlene Dean, uma velha amiga de Donna e repórter do jornal local, não ficou preocupada quando Donna e as meninas não apareceram para jantar. Charlene, 51 anos, estava morando com os Coopers, e em troca tomava conta da casa para eles quando estivessem fora. E conhecia Donna o suficiente para presumir que a amiga havia mudado os planos.

O marido de Donna, Rodger, 62 anos, estava na Flórida visitando Sky, filha deles. E também estava acostumado à maneira independente de Donna. Mas Sky, 21 anos, ajudante em uma casa de repouso, havia passado por uma ci-

rurgia na vesícula naquela tarde e não podia acreditar que sua mãe não entraria em contato. “Tem alguma coisa errada”, ela continuava dizendo.

Donna dirigiu até que o medidor do tanque marcasse vazio, e então encostou o carro. Eram dez da noite e o odômetro indicava que tinham rodado por mais de 320 quilômetros desde que haviam deixado o Castelo de Scotty. Pedras enormes assomavam ao lado do carro. O céu escuro brilhava com as estrelas.

– Parece que vamos ter de acampar – disse Donna.

– Há animais selvagens por aqui? – perguntou Jenny, a voz trêmula.

– Leões da montanha, ursos... – respondeu Donna. – Levantem os vidros.

As meninas fizeram o que fora pedido. Donna passou de mão em mão o que tinha restado da comida, e cada uma tomou um gole da água quase no fim. Em seguida, com os cobertores que retiraram do porta-malas, tentaram dormir.

Gina caiu no sono, mas Jenny estava preocupada com os animais selvagens e Donna afligia-se com a possibilidade de uma pedra achatar o carro. Ambas estavam aflitas com o que poderia acontecer no dia seguinte. “Não tenha medo”, disse Donna, enquanto ela e Jenny olhavam para a escuridão. “Só precisamos de um plano.” Um longo silêncio se seguiu.

Às seis da manhã da sexta-feira, o sol nascente revelou que estavam estacionadas bem acima do vale, em

um bosque de pinheiros esparsos. Ao lado da estrada havia uma queda acentuada. Donna tentou ligar o carro, mas o motor não pegou.

“Temos de conseguir que alguém nos veja”, disse Gina. Donna e Jenny usaram pedras para escrever “SOCORRO” num trecho de solo plano. Gina fez uma fogueira, empilhando galhos e panfletos do Castelo de Scotty. Mas, quando ela pressionou o acendedor de cigarros do carro nos gravetos, o fogo não acendeu.

Então viram um avião a distância. Gina agarrou um CD e o usou como espelho para fazer sinais, enquanto Jenny agitava um cobertor de emergência amarelo. Aquele avião – e vários depois dele – continuaram voando. Em torno das 11 horas, quando elas já tinham acabado com

DONNA E JENNY ESCREVERAM NA POEIRA QUE COBRIA O CARRO: “SOCORRO, CHAMEM A POLÍCIA”.

toda a água que havia na garrafa, Gina caminhou pela estrada sinuosa por cerca de três quilômetros, passando por um conjunto de parques para camping há muito abandonados, em direção ao local onde as árvores rareavam. Olhou para a paisagem: nada além de deserto.

No carro, Donna estava descas-

cando cactos com seu canivete. Tinha lido que uma das variedades contém líquido potável, mas quando Jenny e ela extraíram a polpa pegajosa, deram-se conta de que não era aquele tipo. Em seguida, pegaram agulhas de pinheiro para mastigar. Donna sabia que elas eram úmidas e continham alguns nutrientes. As duas estavam cavando raízes de cactos quando Gina retornou:

– Temos de voltar até o lugar onde paramos ontem.

– E como vamos fazer isso? – perguntou Donna. – O carro não pega.

– Vamos tentar de novo – sugeriu Gina.

Donna fez uma oração em silêncio, depois virou a chave. O motor deu sinal de vida, surpreendendo a todas, e desceram a montanha. Donna pisava

com força no acelerador em cada declive da estrada, para garantir que o carro aguentaria subir na próxima elevação. Se o veículo parasse, ela sabia que seria o fim para elas. Foram 10, 20, 30, 40

quilômetros – estavam na planície agora e virando à esquerda em direção à estrada que ladeava o lago salgado. O portão trancado finalmente surgiu à vista, e as três irromperam em gritos entusiasmados: ali, pelo menos, elas tinham a possibilidade de se abrigar.

Saíram do carro e passaram por baixo da cerca de arame, a terra quei-

mando através das solas dos seus tênis enquanto caminhavam pela longa entrada de automóveis. Ao saírem do meio das árvores, viram três trailers agrupados em torno de uma varanda de madeira separada da casa. Chamaram, mas ninguém respondeu. Todos os trailers estavam trancados. Mas, atrás do maior, Donna encontrou algo inacreditável – uma mangueira de jardim ligada a uma torneira. A água estava quente, mas elas a engoliram com avidez. Depois, deitaram-se na varanda para um cochilo.

Quando acordaram, Gina pegou o kit de ferramentas do carro. Desparafusou as dobradiças do trailer grande, mas não conseguiu abrir a porta. Usando um pé de cabra, arrancou um cadeado de um dos trailers menores. Encontraram algumas latas de *chili* com feijão, alguns pacotes de macarrão instantâneo, aveia com mirtilo e meio pacote de espaguete. Havia ainda quatro caixas de cerveja. A comida duraria apenas alguns dias, Donna pensou, mas a cerveja poderia sustentá-las durante duas semanas – supondo que sobrevivessem ao calor.

O ar dentro do trailer era como uma fornalha, então elas puxaram os colchões dos dois beliches e os colocaram na varanda, onde era um pouquinho mais fresco. Donna abriu a lata de *chili* com feijão e sentaram-se para comer. Em seguida, encontraram vários frascos e garrafas em uma lata de lixo e os encheram com água, para o caso de a mangueira secar.

Na Flórida, depois de chegar do hospital naquela manhã, Sky tentou telefonar para Donna, mas a ligação era sempre encaminhada para a caixa postal. Pesquisou a página da mãe no Facebook: sem atualizações. Então verificou a conta do cartão de crédito. As últimas compras tinham sido na quinta-feira, à uma da tarde, quando a mãe comprara três entradas para o Castelo de Scotty. Sky telefonou para Charlene Dean, que disse não ter notícias de Donna também. Naquela noite, ela telefonou para o supermercado onde Gina trabalhava. “Não registramos a entrada de Gina”, disseram a Sky. Seu pai fez uma careta quando ela desligou o telefone. “Agora estou preocupado”, disse Rodger.

Sky telefonou para Charlene novamente e ambas telefonaram para os departamentos de polícia de várias localidades, para a Patrulha das Estradas da Califórnia e para a base da guarda florestal do Parque Nacional do Vale da Morte. Mas as autoridades disseram que era muito tarde para montar uma busca completa naquele dia.

Ao anoitecer, Gina acendeu uma fogueira de sinalização usando fósforos da cozinha do trailer e lenha que encontrou empilhada no quintal. Em seguida, as três se deitaram na varanda. O calor do solo do vale era tão intenso, que elas tinham de se levantar a cada 15 minutos para se encharcarem de água.

Quando a manhã chegou, Donna e Jenny foram até a estrada e fizeram uma cruz na terra com galhos de árvo-

res. Na poeira que cobria o carro, elas escreveram: “SOCORRO, CHAMEM A POLÍCIA”.

Arrombaram o trailer grande, mas não encontraram quase nada que fosse de utilidade. Em seguida, Gina forçou e abriu a janela do trailer menor com uma alavanca e Jenny rastejou para dentro. Lá, em cima da mesa, estava um equipamento de radioamador. Mas, depois de carregá-lo para fora junto com a antena, e ligá-lo à bateria do carro, quando Jenny girou o botão de sintonia só ouviram estática. Após dez minutos, até o ruído da estática desapareceu.

Gina estava pronta para chorar, mas a mãe teve uma ideia melhor: “Vamos nos limpar.”

Jenny e Donna tomaram banho primeiro, enchendo a banheira do primeiro trailer com a água de fora. Por volta das cinco da tarde, foi a vez de Gina. Donna lavou os cabelos da filha, mãos firmes no seu couro cabeludo.

Gina pensou ter ouvido gritos. Era Jenny. “Venham aqui!”, gritava ela. “Venham aqui!”

Donna correu para fora e Gina – ainda puxando as roupas ao vestir-se sem se enxugar – a seguiu. Jenny estava agitando loucamente o cobertor de emergência amarelo. Um barulho ensurdecedor vinha do céu. Um helicóptero da Patrulha de Estradas da Califórnia circulava lentamente. Elas tinham sido encontradas!

Depois do pouso, os pilotos, que eram também paramédicos, examinaram os sinais vitais das três e lhes deram tanta água fresca quanto puderam engolir.

“Estávamos quase dando vocês como mortas e voltando à base”, disse um dos homens.

Elas pareciam saudáveis, portanto os pilotos lhes ofereceram duas opções: embarcarem no helicóptero, uma de cada vez, para serem levadas a Lone Pine, a cidade mais próxima; ou esperarem um funcionário do parque trazer uma lata de gasolina e lhes dar instruções de como chegar à rodovia. Elas ficaram com a segunda opção.

Depois que o funcionário do parque chegou, elas encheram o tanque, agradeceram à equipe de resgate e partiram, mesmo estando à noite. Desta vez, sabiam para onde estavam indo.

Pode-se dizer que o fato de se perderem deu um rumo a Gina e Jenny. Inspirada por um dos socorristas do helicóptero, Gina decidiu se matricular numa escola de enfermagem. Jenny voltou para Hong Kong logo após a experiência, mas retornou aos Estados Unidos para morar com os Coopers e estudar em uma faculdade local. E Donna permanece sem medo dessa larga faixa de deserto em seu quintal. “Nem por um momento”, afirmou, “duvidei de que conseguiríamos sair de lá.”

REQUISTO PARA O CARGO

“**Só contrato** pessoas casadas. Elas não costumam ir cedo para casa.”

Schwadron